

LITERATURA E HISTÓRIA: NARRATIVAS PARA CRIANÇAS E ALINHAMENTOS POLÍTICOS NO BRASIL DOS ANOS 30 E 40

Jorge Marques¹

RESUMO: Duas narrativas para crianças produzidas no Brasil durante a primeira metade do século XX podem ser lidas em conjunto através de uma perspectiva que privilegia a análise histórica. Produzidas em momentos históricos conturbados, elas são reveladoras de um momento da Literatura Infantil no qual o engajamento político acaba se revelando através de textos que, de modo subliminar, revelam posturas ideológicas de campos opostos.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Fascismo, Segunda Guerra Mundial

UMA LITERATURA DE (RE)TAMANHOS

A literatura universal é pontuada por uma tradição de narrativas ficcionais cuja mola propulsora consiste na questão da dimensão corporal dos indivíduos. Tais textos geralmente tratam dos impactos causados pelo estranhamento acerca do tamanho das personagens, em função de perspectivas diferenciadas. Universos mitológicos de diversas tradições são frequentemente compostos por seres ora gigantescos ora minúsculos, os quais constituem fonte de interesse e curiosidade. A propósito, é a partir desses elementos, provenientes da cultura oral, que têm origem as narrativas de gigantes

¹ Colégio Militar do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II; doutorando na UFRJ.

que se tornaram célebres, por exemplo, nas criações rabelaisianas. Um fator interessante a ser notado na recepção de textos cuja temática versa sobre o redimensionamento do tamanho é o apelo que eles têm ao público infantil: essa talvez seja a melhor explicação para que obras originalmente escritas para adultos, como as de Carrol (1977) e Swift (2005), nos dias de hoje sejam encontradas no mercado livreiro quase que exclusivamente em versões adaptadas para os pequenos. De um modo ou de outro, portanto, há uma linhagem de narrativas estruturadas a partir da estranheza causada quando um indivíduo vê-se envolvido em uma nova perspectiva de tamanho, seja ele menor ou maior do que o seu original. Na sociedade midiática, esse apelo continua presente: os êxitos comerciais dos filmes da série *Querida, encolhi as crianças* e *Querida, estiquei o bebê* representam um excelente exemplo da manutenção da popularidade do tema, em especial junto ao público infantil e infanto-juvenil, além de demonstrar quanto as variações sobre o redimensionamento corporal parecem ainda ter fôlego para serem relidas por diversas gerações.

Também na Literatura Brasileira há textos que se interessam pelo objeto acima exposto. Este ensaio trata justamente de duas ficções de “retamanhos” escritas originalmente para crianças no Brasil entre os anos 30 e 40 do século XX. São elas *No país das formigas* – Novas Aventuras de João Peralta e Pé-de-Moleque (DEL PICCHIA, s.d.A) e *A chave do tamanho* (MONTEIRO LOBATO, 2008). A obra lobatiana, conforme nos informa o professor Thiago Alves Valente (2009), teve o texto da edição de 1942 parcialmente revisto pelo autor em 1947. As duas edições, entretanto, apresentam a mesma situação inicial: o acirramento dos conflitos bélicos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, o cotidiano do Sítio do Picapau Amarelo é abalado pela notícia de intensos bombardeios sobre a cidade de Londres. Com o fato, anunciado no primeiro capítulo do livro, “o rosto de Dona Benta sombreou” (MONTEIRO LOBATO, 2008: 15), o que leva Emília a tomar a decisão de fechar a chave da

guerra. Porém, ao invés de mexer no artefato correto, ela desastrosamente altera a posição da chave do tamanho, o que provoca a diminuição radical de estatura de toda a humanidade – incluindo aí a própria Emília que, conforme nos indica Monteiro Lobato na apresentação do livro, é a esta altura “uma ex-boneca de pano” (2008: 12). Já o livro do verde-amarelista Menotti del Picchia, como demonstra seu subtítulo, constitui continuação de uma obra anterior, denominada *Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque* (s.d.B), na qual nos são apresentados os meninos cujas denominações fazem parte do título da narrativa, caracterizados, respectivamente, como “um garoto levado da breca” (s.d.A: 11) e “um endiabrado pretinho” (Id.). Regulando pelos sete anos de idade, como informa o narrador no primeiro volume de aventuras da dupla, eles retornam às suas travessuras em *No país das formigas*. Logo nas primeiras páginas da narrativa, Pé-de-Moleque instiga o companheiro a realizarem novas viagens,¹ as quais ocorrerão não mais em reinos distantes e imaginários, como acontece no volume anterior, mas, sim, ao pé da própria casa dos dois, que serão obrigados a rever o ambiente familiar a partir de uma perspectiva que lhes será absolutamente inédita e insólita e que, por outro lado, também pode ser entendida como uma construção literária que carrega significados políticos subliminares, conforme veremos posteriormente.

As obras de Menotti del Picchia e Monteiro Lobato, portanto, constituem narrativas inseridas em uma longa e profícua tradição de histórias que, ao estabelecerem uma nova pers-

¹ A passagem é, a propósito, contraditória com o encerramento do livro anterior, visto que, após os amigos retornarem das aventuras nos Reinos da Nuvem, do Mar e do Fogo, a narrativa de *Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque* informa que ambos teriam sofrido uma profunda amnésia e, portanto, de nada mais se lembrariam. Portanto, só a explicação de Lajolo e Zilberman parece explicar tamanha incoerência narrativa: “As personagens raramente vivem alguma transformação interna. É preciso conservá-las idênticas, para que possam se transferir de um enredo a outro sem amadurecerem física ou psicologicamente, nem deixarem de ser reconhecidas com facilidade pelo leitor” (2009: 81-82).

pectiva e, por conseguinte, uma visão diferenciada do mundo motivada pela mudança na dimensão corporal das personagens, trazem a ambientes triviais uma profunda renovação. É dessa maneira que os espaços domésticos deixam de adquirir a familiaridade ordinária e passam a constituir espaços repletos de perigos, aventuras e peripécias, ao mesmo tempo sedutoras e arriscadas. Além disso, em função de terem sido produzidos em momentos históricos conturbados, no qual os embates ideológicos encontravam-se radicalizados, os textos acabaram por traduzir, em suas páginas, tendências políticas adversárias para os jovens leitores dos anos 30/ 40 do século XX.

FANTÁSTICAS AVENTURAS, REINAÇÕES MARAVILHOSAS

Del Picchia e Lobato não poupam adjetivos laudatórios, nos pórticos de seus livros, às aventuras pelas quais passarão as personagens envolvidas nas narrativas, o que traz uma grande expectativa aos leitores pelas peripécias que estão prestes a acontecer. Há, entretanto, algumas diferenças na inventividade que norteia os procedimentos ficcionais estabelecidos pelos autores na mudança de tamanhos por que passam os indivíduos em suas histórias.

Em *No país das formigas*, o desejo compulsivo por traquinagens é reflexo de uma ânsia por evasão do insípido ambiente doméstico. Por conta disso, a dupla de amigos “vive pensando em armar novas travessuras” (DEL PICCHIA, s.d.A: 11). No entanto, um elemento mágico existente no texto (o ratinho de ouro) pontua o livro inteiro, repetindo a mesma lição aos meninos: “não desobedeçam aos mais velhos” em uma insistência tamanha que o leva a ser descrito por Lajolo e Zilberman como “um superego atento e persistente, à moda do Grilo Falante que acompanha Pinóquio, na obra de Collodi” (2009: 65). Ora, se João Peralta e Pé-de-Moleque não desobedecessem às ordens dos pais, jamais teriam vivido as “fantásticas aventuras” mencionadas por Del Picchia, o que leva ao malogro qualquer tentativa de estabelecer uma perspectiva positiva na mensagem disciplinadora do ratinho. Nesse sentido, subverter é di-

vertir-se. É irônico, porém, que a desobediência não concretize o desejo das crianças em conhecer novos ambientes, mas que as leve à ressignificação do espaço conhecido através da assunção de uma nova perspectiva. Por fim, a desobediência é premiada até mesmo com o encontro de um tesouro que, não tivessem as crianças diminuído em estatura por conta da indisciplina, jamais teria sido encontrado.

João Peralta e Pé-de-Moleque deparam-se com a possibilidade de subversão quando invadem um lugar sombrio, vizinho à casa onde moram. Trata-se da toca de Tio Mocamba, um negro afeito a feitiçarias. A partir daí, tal qual a Alice, de Carroll, ingerem uma bebida que os leva a se transformarem em “uma isquinha de gente” (DEL PICCHIA, s.d.A: 95). Ao terem as dimensões corporais reduzidas, os meninos também veem suas vestimentas encolherem. Essa inventiva é bastante diferenciada da solução encontrada por Lobato em sua obra, já que, em *A chave do tamanho*, a alteração no posicionamento do artefato leva uma porção considerável da humanidade ao sufocamento e à posterior morte. Com efeito, o leitor acompanha agonizado a aflição de Emília quando esta, ao diminuir de tamanho, vê-se soterrada por seu vestido: a partir daí, cabe à personagem sair do emaranhado de tecido que, na nova dimensão, a roupa assume, para, assim, conseguir sair com vida do traje que segundos antes era tão-somente uma vestimenta, e não uma ameaça à sua integridade física.

Os parágrafos anteriores nos fazem notar que, mais do que narrativas de “retamanhos” *No país das formigas* e *A chave do tamanho* constituem histórias de “destamanhos” Cabe notarmos que as diferenças na solução da materialização de tais destamanhos não significam um afastamento temático entre os livros de Menotti del Picchia e Monteiro Lobato. De um modo ou de outro, ambos convergem para a assunção, no universo ficcional, de uma perspectiva próxima à da criança em uma sociedade “adultocêntrica” fato que, no dizer do professor Valente (op. cit), remete a uma valorização do universo infantil. Em outras palavras, o bom sucesso das narrativas de destamanhos entre as crianças tem a ver com a identifica-

ção sentida pelos pequenos, à medida que, nestas obras, as personagens veem o imenso mundo à sua frente com uma perspectiva semelhante à forma como a garotada o enxerga. Dessa maneira, tudo é inalcançável, distanciado, opressor – tanto aos seres da ficção quanto ao público que a lê. É comum ainda às duas histórias de destamanhos aqui estudadas o fato de elas utilizarem-se de elementos metafóricos para tratarem, em menor ou maior grau, de temáticas político-sociais emergentes na época de sua produção.

UM FORMIGUEIRO INTEGRALISTA *AVANT LA LETTRE*

João Peralta e Pé-de-Moleque vivem em um ambiente doméstico que é pouco atraente aos meninos, sedentos por experiências que os afastem do corriqueiro. Tal fato gera os sentimentos de identificação e amizade entre as personagens. As relações da dupla não são pautadas por uma hierarquia social que poderia advir do fato de o primeiro ser filho do patrão e o segundo ter a empregada doméstica como progenitora. Dentro do universo infantil de Menotti del Picchia, restrições sociais desse tipo não logram alcançar espaço, talvez porque as relações entre Seu Nazário, pai de João Peralta, e Benedita, mãe de Pé-de-Moleque, sejam caracterizadas pela cordialidade e solidariedade mútuas. Acerca da ascendência das crianças, cabe, a propósito, observarmos que, em nenhum momento dos dois volumes, merecem citações a mãe de João Peralta ou o pai de Pé-de-Moleque, o que leva o leitor a não ter notícias completas sobre a genealogia das personagens.

O segundo volume das aventuras de João Peralta e Pé-de-Moleque desenvolve-se, durante parte significativa, no país das formigas que dá título à história – o qual, como já vimos, constitui os arredores domésticos vistos sob nova perspectiva. O autor aproveita-se claramente de referências de cunho entomológico para auxiliarem na caracterização da nova sociedade onde as personagens humanas se inserem. Sendo assim, predomina na estrutura organizacional das formigas uma rígida escala hierárquica que, além de instituída sob o regime

monárquico de governo, tem como marca indelével a adesão ao militarismo. Pululam, na narrativa, menções a generais, coroneis e capitães, todos representantes de uma força de admirável organização. Aliado a essa força, temos o “glamour” proporcionado pela pompa que cerca a rainha das formigas. Dentro desse contexto, a monarca tem um vasto exército de subalternos, hierarquicamente militarizado e organizadamente disposto, que ajuda as crianças em suas aventuras no mundo dos minúsculos. Toda essa disposição social rígida é descrita através de uma retórica da “glamourização”: paradas militares simetricamente dispostas e cortejos reluzentes pontuam a narrativa, de modo que, em nenhum momento, o regime político daquela sociedade é questionado ou, ao menos, ironizado. As formigas de baixo escalão respondem com alegria e disposição a todos os chamados, sempre prontas a colaborar com seus chefes. Essa situação é festejada pela dupla de crianças em virtude de passagens como a abaixo transcrita:

Enquanto isso, Dom Ferrão Pontudo, Chanceler do Reino, avançou uns passos e disse:

– Em nome de nossa Real Senhora, Dona Saúva I, Rainha das Formigas, renovo aos heróicos meninos Pé-de-Moleque e João Peralta o apoio de todas as formigas do reino. Ouvi bem, formigas-soldados, formigas-operárias: João Peralta e Pé-de-Moleque sempre deverão ser obedecidos por todas vós! (DEL PICCHIA, s.d.A: 116).

Observamos, portanto, que é de extrema conveniência aos amigos a manutenção da estrutura social hierarquizada do formigueiro, visto que eles fazem parte do grupo de beneficiários do sistema estabelecido. Resulta, daí, que a dupla sai de um meio familiar extremamente pacato, cuja disciplina caracteriza-se pela debilidade, pois as ordens de Seu Nazário e Benedita são sistematicamente burladas, para entrarem em um ambiente diverso: a sociedade das formigas, onde o ordenamento e a hierarquia atingem grau superlativo. Nesse novo meio o desejo por aventuras é satisfeito e, enfim, as crianças podem dar vazão às suas traquinagens.

O autor de *No país das formigas* tem uma trajetória político-literária bastante interessante, a qual não podemos nos furtar de investigar a fim de empreendermos a análise aqui pretendida. Considerado um modernista de primeira hora, Menotti del Picchia antecipou alguns dos pressupostos do movimento com a publicação de *Juca Mulato*, texto que, até hoje, talvez seja o que mais recebeu atenção por parte dos críticos. A partir da segunda metade da década de 20 do século passado, entretanto, Menotti, acompanhado por alguns outros artistas – como Cassiano Ricardo e Cândido da Mota Filho – rompe com as lideranças de Mário e Oswald de Andrade e concebe a vertente “verde-amarelista” do Modernismo, a qual desembocará, posteriormente, na “Escola da Anta” (tratada de modo galhofeiro por Oswald, no célebre texto “Antologia”). Tanto o “Verde-Amarelismo” quanto a “Escola da Anta” constituem movimentos nacionalistas de inspiração e inclinação claramente fascistas. A adesão de Del Picchia às idéias “verde-amarelistas” é tão engajada que não é outro senão o seu nome que encabeça a lista de assinaturas ao chamado manifesto “Nhengaçu Verde-Amarelo” No que tange à obra para crianças de Del Picchia, o delineamento da sociedade das formigas poderia ser lido como uma representação do Integralismo para as crianças leitoras dos anos 30, não fosse o fato de o livro ter sido publicado em 1932 e a AIB (Aliança Integralista Brasileira) datar de fins de 1934. Entretanto, se realizarmos uma correlação entre as atividades artístico-ideológicas de Menotti Del Picchia nos movimentos supracitados e a apologia à sociedade das formigas estabelecida nessa obra, podemos inferir a existência de uma intenção, ainda que subjacente, de tornar simpático ao jovem público dos anos 30 um ideário cujos princípios estavam longe da democracia. Nesse sentido, se a AIB ainda não havia sido fundada por Plínio Salgado (também ele um membro do grupo “verde-amarelista”) na época de publicação do livro, é lícito afirmarmos que o ideário nazi-fascista, com o qual o Integralismo mantém pontos de intersecção, já circulava pelo Brasil.

Desse modo, podemos dizer que o país das formigas é metáfora do que ainda não se fundou, mas por que se anseia: um meio onde fecunda o ideário filho do Positivismo. O formigueiro é, portanto, integralista *avant la lettre*: não é à toa que o ratinho de ouro, símbolo do princípio da ordem na obra, divide o espaço do reinado com a rainha das formigas. É nessa sociedade, eivada de princípios rígidos e onde a desobediência é sistematicamente condenada, que as duas crianças passam por aventuras incríveis, participam de paradas militares esplendorosas e acabam por encontrar um incrível tesouro, do qual lançam mão ao retornar ao mundo dos “tamanhudos”. Portanto, a intenção em idealizar uma sociedade cujo regime de governo seja pautado numa rigorosa hierarquia é bastante clara. A filiação ideológica à qual o livro parece alinhar-se certamente contribui para que a mensagem de obediência às regras estabelecidas seja sistematicamente repetida às crianças no decorrer da narrativa. Talvez faltem estudos críticos que ressaltem o fato de que esta não se trata apenas de uma literatura de cunho moralista, mas de uma ode às regras, que não esconde a sua admiração pela ordem, pela hierarquização, pela militarização e pelo “glamour” que envolve as cerimônias de gala do poder estabelecido. Entretanto, a mensagem do livro malogra, pois só a desobediência permite a João Peralta e Pé-de-Moleque passarem pelas aventuras de destamanhos.

A filiação ao Nhengaçu Verde Amarelo também explica o tratamento dado à questão étnica na literatura para crianças de Menotti del Picchia. A propósito, segundo a professora Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005), a época de lançamento das obras infantis de Menotti del Picchia – 1931 e 1932, respectivamente – coincide com um momento de emergência das personagens negras em textos da literatura para crianças e jovens no Brasil. Além de Benedita e Pé-de-Moleque, os negros aparecem na série do Sítio do Picapau Amarelo, na qual Tia Nastácia, Tio Barnabé e o Saci constituem presenças recorrentes. Podem também ser encontrados em livros como *As férias com a vovó* (VELLOSO, 1932) e *Um passeio em Petizópolis* (YANTOCK, 1935).

É polêmico e algo contraditório o tratamento dado por Del Picchia às personagens negras que participam de suas narrativas para crianças. O já citado trabalho da professora Gouvêa faz-lhe reservas: afirma, por exemplo, que as descrições de Tio Mocamba e suas práticas de feitiçaria remetem a uma “cultura inferior, pré-científica, corporificada nos pretos e pretas velhas, os assim chamados feitiçeiros” (2005: 87); e que uma cena de *No país das formigas* na qual Pé-de-Moleque, já minimizado, cai, por descuido, em uma terrina de leite remete a um embranquecimento literal da personagem, o qual seria valorizado pela narrativa.

Conquanto tendamos a estar de acordo com a primeira observação, é importante fazer alguns reparos ao estudo supramencionado no que diz respeito à configuração étnica de Pé-de-Moleque. De maneira tão visivelmente programática que chega a pecar pela falta de sutileza, Menotti del Picchia insere, nos dois volumes de suas obras para crianças, cenas nas quais a criança negra propala o orgulho por sua etnia. No primeiro volume de aventuras da dupla, por exemplo, Pé-de-Moleque passa por situação bastante assemelhada à anteriormente descrita: por conta da intervenção de elementos mágicos, tem a sua cor mudada. Sua reação vem na forma de uma exclamação indignada: “Eu não sou mais eu! Isto é um desaforo!” (Del Picchia, s.d.B: 39). Posteriormente, ao retomar a sua cor de origem, assim é descrita a atitude da personagem:

Olhou para a mão e para os pés, que haviam voltado à cor primitiva **e pulou de contente.**

– Arre! Graças a Deus que agora eu sou outra vez eu! Cada qual deve conservar a cor que Deus lhe deu ao nascer. Não é na cor que estão as boas qualidades: é no coração! Agora mamãe me reconhecerá novamente. (s.d.B: 90 – o grifo é nosso).

É bastante evidente que há uma ligação íntima entre etnia e identidade nas duas passagens acima. A transformação de cor da personagem não pode ser observada, portanto,

como um processo de branqueamento ansiado e/ou valorizado no contexto narrativo. Pelo contrário, Pé-de-Moleque só se reconhece e será reconhecido pela mãe, também negra, quando inserido em sua categoria étnica original. Branco, o menino perde declaradamente sua identidade: deixa de ser. Além disso, há, na fala de Pé-de-Moleque, a explicitação de um discurso que prega a igualdade entre os indivíduos.

Em *No país das formigas*, a preocupação e o posicionamento que Del Picchia tem pela temática na sua obra para crianças deixam-se transparecer nas primeiras páginas do texto:

- Pexote! retrucou João Peralta. Você não dá para a saída. (...) Você ficou branco de susto!
- Branco não! gritou Pé-de-Moleque, o qual não gostava que o **xingassem** de branco. (DEL PICCHIA, s.d.A: 15 – o grifo é nosso).

No trecho acima, a narrativa ratifica a repulsa que Pé-de-Moleque tem por qualquer insinuação que o levaria a uma pretensa mudança de cor. Portanto, os chistes empregados por Del Picchia no texto não parecem remeter a um provável branqueamento da personagem negra. Há, desse modo, uma visível intenção em rechaçar o racismo, ainda mais quando nos lembramos de que um dos trechos do *Manifesto do Verde-Amarelismo*, do qual Menotti del Picchia é signatário, afirma peremptoriamente: “Não há entre nós preconceito de raças” (TELES, 1994: 364). Não obstante tal fato, esse sentimento de igualdade acaba por derrapar em descrições nas quais brotam a incompreensão às manifestações culturais afro-brasileiras, como ocorre em relação a todo o passo que descreve os rituais de Tio Mocamba, já anteriormente mencionado. Essa realidade somente demonstra que a teoria constante no manifesto programático é, por vezes, traída pela concretização artística, que acaba por deixar entrever os preconceitos subjacentes na obra.

Dessa maneira, Del Picchia produz uma narrativa em que sinais trocados são, por diversas vezes, emitidos: anuncia o Integralismo antes de o mesmo se configurar; proclama a igualdade entre as raças, e efetivamente deixa aparente o orgulho étnico de uma personagem, porém descuidadamente permite que escorram nas frestas do texto alguns traços preconceituosos; prega a mensagem de obediência, mas constrói um livro em que a desobediência alcança a vitória.

Se no fator programático a obra infantil de Menotti del Picchia não chega às últimas consequências (deveria chegar a elas?), no campo da fruição ela alcança plenamente seus objetivos, visto que são deliciosas as aventuras das duas crianças: perigos, aventuras e confusões levam as travessuras de João Peralta e Pé-de-Moleque a constituírem histórias que, conquanto tragam embutidos valores eminentemente programáticos e ideológicos, não descuidaram de divertir e agradar as crianças de sua época e de gerações subsequentes.

A ESPERANÇA ESTÁ NO BALDE

“Ah, eu penso que o mundo acabou – o mundo antigo.”

Reflexão de Tia Nastácia

Em 1942, a série do Sítio do Picapau Amarelo aproxima-se do fim: *A chave do tamanho*, publicado esse ano, é o décimo quarto de um total de dezessete livros que compõem a saga de Dona Benta, Emília, Pedrinho e Narizinho. O tempo é de guerra, e o mundo idílico do sítio tem as suas fronteiras invadidas pelos relatos das barbáries que grassam na Europa. Essa é a senha para que Monteiro Lobato construa o “livro político” de sua extensa obra infantil.

A narrativa de *A chave do tamanho* é aberta com uma imagem literária arrebatadora: o hiperbólico “pôr-do-sol de

trombeta” de Emília, cuja beleza é desbotada pelas notícias assustadoras lidas por Pedrinho nos jornais:

Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beça. (MONTEIRO LOBATO, 2008: 15)

É evidente que o voluntarismo da ex-boneca de pano faz com que ela seja autossuficiente o bastante para acreditar que as chances da paz mundial estejam nas suas mãos. Isso leva a personagem a pegar o superpó do Visconde (na verdade, um concentrado do pó de pirlimpimpim ainda mais poderoso), e empreender uma viagem à Casa das Chaves e, a partir daí, realizar uma das “emilices” mais célebres: mexer por engano na chave que regula o tamanho da humanidade.

Monteiro Lobato, não casualmente, filia a sua narrativa a algumas das histórias de retamanhos por nós anteriormente mencionadas: Alice e Gulliver são citados pelo autor, o que denota uma clara intenção de inserir a aventura protagonizada por Emília na tradição da literatura universal da ficção de retamanhos. Porém, mais do que simplesmente construir outro livro que faça parte de tão nobre linhagem, Lobato, assim como vários de seus antecessores, utiliza-se da nova perspectiva estabelecida para lançar observações acidamente críticas acerca da sociedade. Dessa maneira, assim como na obra de Del Picchia, o destamanho é utilizado para estabelecer considerações sociais acerca de sua época. Lobato, entretanto, dá um passo além e introduz em sua narrativa passagens que explicam o porquê de *A chave do tamanho* ter, efetivamente, alcançado a estatura de clássico: ele faz notar – através das reflexões de Emília – que, mais do que regido por uma suposta “essência” o ser humano é fruto das relações diversificadas que o cercam e ajudam a construir a sua individualidade. Em outras palavras, Monteiro Lobato estabelece reflexões filosóficas que, escondidas sob um véu de compara-

ções corriqueiras, deixam entrever um elaborado pensamento que revê as identidades dos sujeitos perante uma realidade diferenciada:

A situação era tão nova que as suas velhas idéias não serviam mais. Emília compreendeu um ponto que Dona Benta havia explicado, isto é, que nossas idéias são filhas de nossa experiência. Ora, a mudança do tamanho da Humanidade vinha tornar as idéias tão inúteis como um tostão furado. A idéia de uma caixa de fósforos, por exemplo, era a idéia de uma coisinha que os homens carregavam no bolso. Mas, com as criaturas diminuídas a ponto de uma caixa de fósforos ficar do tamanho de um pedestal de estátua, a “idéia-de-caixa-de-fósforos” já não vale coisa nenhuma. A “idéia de leão” era a de um terrível e perigosíssimo animal, comedor de gente; e a idéia de pinto era a de um bichinho inofensivo. Agora é o contrário. O perigoso é o pinto. (2008: 20)

Pouco depois, Emília, ensimesmada, pondera sobre a diversidade dos paradigmas a partir da condição corporal dos seres. E são as **formigas** os seus objetos de parâmetro:

Vai ser difícil acostumar-me ao novo tamanho das coisas; para as formiguinhas, no entanto, esse tamanhão das coisas é o natural, pois foi como sempre elas o tiveram. As formigas-ruivas nem podem compreender o que é uma casa. Hão de ver as coisas como partes do mundo, ou coisas que sempre foram, como os morros, as pedreiras, os rios, as árvores; e por isso passeiam sem medo pelas casas, sobem e descem pelas paredes, chegam até a fazer seus buraquinhos rente às calçadas. Quando vêm sair lá de dentro uma pessoa, com certeza nem compreendem que é uma pessoa; acham apenas que é uma imensidade móvel, como os rios ou o mar. Para as formigas o mundo deve estar dividido em imensidades paradas e imensidades móveis. Uma casa ou um morro é uma imensidade parada; de dentro das casas saem imensidades móveis: gente, cachorro, gatos. E nos campos há imensidades com chifres, que nós chamamos vacas ou bois. Mas, apesar de ter eu agora o tamanho de uma saúva, possuo a mesma inteligência de antes – e sei. Sei que estas imensidades que

estou vendo não passam de verdadeiras pulgas perto de outras coisas ainda maiores, como as montanhas; e as montanhas não passam de pulgas perto de outra coisa ainda maior, como a Terra; e a Terra é uma pulga perto do Sol; e o Sol é um espirro de pulga perto do Infinito. Como sei coisas, meu Deus! (2008: 21-22)

A dimensão estabelecida por Lobato no relacionamento das personagens humanas com os seres que habitam os espaços da minimitude será marcadamente diferente do procedimento estruturado por Del Picchia. De início, Lobato evita a “fabulização” de sua obra e, sendo assim, não há espaço para um relacionamento horizontal entre os habitantes do Sítio e as formigas, já que elas não adquirem características humanas. Por isso mesmo, Emília sabe; logo, existe. Isso a diferencia dos insetos com os quais convive no jardim e a levará a exercer o domínio sobre eles.

Se em livros anteriores da série, como *Emília no país da gramática* e *Aritmética da Emília*, a função pedagógica predomina, o mesmo não ocorre em *A chave do tamanho*. Efetivamente, tivesse Lobato trilhado outras vias, poderia ter feito da aventura de destamanho um interessante tratado de Entomologia para crianças. Não é o que ocorre, no entanto, já que, apesar de não se furtar em introduzir em seu texto alguns esclarecimentos científicos, o escritor insere-os apenas de modo pontual. Não constituem, portanto, capítulos à parte, externos à aventura narrativa; antes, ajudam a estabelecer a verossimilhança interna da obra, além de impulsio-narem o decorrer da estrutura ficcional.

A chave do tamanho é obra que prega a renovação. De acordo com o livro, cabe aos homens e mulheres que desejarem sobreviver aos novos tempos o desenvolvimento da capacidade de adaptação. No dizer de Emília, “adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso, ou levamos a breca” (2008: 36). É por não conseguirem se amoldar à diminuição corporal que os membros da família do Major Apolinário, com exceção das crianças, não têm a destreza

suficiente para concluir que o mundo é outro e as ideias também – inclusive a “ideia de gato” Por isso mesmo, eles acabam devorados por Manchinha, o animal doméstico da família, ao que a ex-boneca de pano reage sem piedade, culpabilizando-os pela “lerdeza com que se adaptavam às novas condições de vida” (2008: 39). Em outras palavras, o sujeito que não se adequar aos novos tempos com rapidez será literalmente engolido.

Não por acaso, ao empreender uma viagem por vários pontos da Terra na tentativa de instituir a paz mundial e, após confrontar o ditador nazista, Emília encontra, na Califórnia, a “sociedade do futuro”: Pail City ou Cidade do Balde. Adaptado à condição de “destamanhudo” um grupo de norte-americanos cria, em torno de um balde jogado em um jardim velho e maltratado, um novo paradigma de condição humana. Na cidade do balde é vislumbrada a saída para homens e mulheres, em virtude da engenhosidade com que os habitantes lidam com os novos parâmetros de dimensão corporal. Desse modo, passam a construir uma nova História, através do domínio humano “destamanhudo” sobre a natureza e da estruturação de saídas arquitetônicas viáveis para a realidade renovada. É o doutor Barnes, líder do grupo, que verbaliza as diretrizes da Cidade do Balde, no seguinte diálogo com Emília:

– Estou gostando da sua “atividade adaptativa” doutor. Fazer tanta coisa em tão pouco tempo até me parece milagre. Acha que o homem pode subsistir, assim reduzido de tamanho?

– Perfeitamente. Não só subsistir, como até criar uma nova civilização muito mais agradável que a velha – sem os horrores da desigualdade social, da fome, das blitzkriegs e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos.

– É como eu penso – berrou Emília. (2008: 110)

A chave do tamanho, portanto, sugere que é nos Estados Unidos que o “novo ser humano” floresceria, em uma cla-

ra indicação do alinhamento político que subjaz à obra. Isso pode ser reforçado se observarmos o tom arrasador com que Emília se dirige a Adolf Hitler, comparado ao discurso quase conciliatório que a fala da ex-boneca adquire ao chegar à Casa Branca. Certamente com o objetivo de minimizar esse disparate, na versão de 1947 a obra de Lobato reaparece com supressões significativas no que tange a elogios aos representantes dos aliados, como nos informa o professor Thiago Alves Valente (2009). Também deve ter contribuído para essas modificações o advento do uso da energia nuclear com fins bélicos pelos Estados Unidos entre o lançamento de uma e outra versão do livro, o que relativizou as simpatias por uma nação que provocou as tragédias de Hiroshima e Nagasaki.

As andanças de Emília pelos quatro cantos do mundo no papel de embaixadora da paz mundial são viabilizadas pelo Visconde de Sabugosa. Como, ao contrário de Emília, ele não foi humanizado e, portanto, não diminuiu de estatura, acaba por ser o escudeiro da ex-boneca de pano. Nesse sentido, ainda segundo o professor Valente, no esforço pelo fim da guerra, Emília alcança *status* de Quixote e, para tanto, não pode dispensar seu subserviente Sancho Pança de espiga de milho. Mais do que isso, porém, é interessante notar que há, na relação Emília - Visconde, uma evidente subversão dos elementos masculino - feminino. Assim, desde que Emília assume sua nova dimensão corporal "destamanhuda" resolve armar-se com um espinho seco caído de uma planta. Isso dá-lhe o ar de cavaleiro medieval acima mencionado e, mais ainda, dota-lhe de uma característica fálica tão evidente que não pode deixar de ser mencionada. Em contrapartida, seu escudeiro é eminentemente feminino. Passivo, Visconde deixa-se literalmente penetrar por Emília: assim que encontra a ex-boneca, esta tem a ideia de transformar a cartola do sabugo de milho em uma agradável residência, com janela, porta, varanda, escada, assoalho e o que mais lhe aprouver. Atendidas as exigências, Emília literalmente penetra no Visconde, dominando-lhe a área próxima ao seu cérebro. A partir daí,

ele passa a ser teleguiado pela ex-bonequinha, que se utiliza do sabugo de milho para exercer as atividades que ela não pode realizar, em virtude de sua dimensão diminuta. Ao final do texto, entretanto, o elemento feminino rebela-se perante Emília:

O Visconde andava com medo das suas tremendas responsabilidades novas, e cansado de ser dirigido daqui para ali pela Emília (...). Ah, muito melhor a sua pacata vida de antigamente, em que era pequeno entre os grandes. Muito melhor a vida calma de modesto sabugo de perninhas do que a vida agitada de maior gigante do mundo. Além disso, aquela “fazenda” em sua cartola já lhe andava dando dores de cabeça. Começara uma simples janelinha na cartola. Depois vieram a porta, as sacadas, a plantação de musgos e chapéus-de-sapo, e os órfãos, e os besouros do Juquinha, e aquilo fora virando quarto de badulaques e museu. (...) Era demais. (2008: 125)

É por conta de tantos incômodos que o Visconde, na votação estabelecida entre os habitantes do Sítio do Picapau Amarelo, ao dar o seu voto de Minerva, decide que a humanidade retornará à sua estatura corporal de origem. Encerra-se aí a aventura de destamanhos comandada por Emília. De toda a história, uma lição fica para os governantes da época: a ex-boneca de pano, apesar de contrariada, é “grande exemplo para todos os ditadores do mundo” (2008: 126), pois acata o desejo da maioria e retorna a chave do tamanho à sua posição de origem.

O “TAMANHUDO” LOBATO, O “DESTAMANHUDO” DEL PICCHIA

“Tamanhudos” e “destamanhudos” são termos inventados por Emília, os quais demonstram a devida dimensão do trabalho com a linguagem empreendido por Monteiro Lobato em sua obra. Dessa forma, o autor sente-se à vontade para a utilização de neologismos diversos, além dos acima citados. É através da mente fértil da ex-bonequinha que ele dá vazão a

tal recurso em seu texto. Quando da morte do Major Apolinário e dos outros adultos da família, Emília cria palavras em parte análogas à popular “língua do pê” e, em uma fala na qual o deboche é patente, explica a morte dos parentes a Juquinha:

- Seus pais, Juquinha, foram obrigados a mudar-se para a Papolândia.
- Onde é isso?
- É uma terra em toda parte, onde só há papapospos. É a terra dos papapupudospos que voam, ou andam pelo chão miando como gato. E sabe o que é papapopo? É uma espécie de colo. Antigamente as mães punham os filhinhos no colo; hoje os papapupudospos põem todo mundo no papapopo. (2008: 40-41)

Tanto *A chave do tamanho* quanto as obras de Del Picchia para crianças têm um tributo a ser pago ao Modernismo heróico: o fato de a língua coloquial ter um espaço de trânsito livre dentro dos textos. Essa situação é extremamente diferenciada se a compararmos ao modelo anterior aos anos 20 do século passado quando, não só na literatura para crianças, mas no meio cultural de modo geral, só havia espaço para a utilização do padrão estritamente formal do Português. A mudança de paradigma possibilita a existência de, em *No país das formigas*, uma das personagens proferir a seguinte sentença quando da descrição de uma batalha: “Toma pau, macacada!” (DEL PICCHIA, s.d.A: 89). Tal fato, alguns anos antes, não teria lugar no então rudimentar mercado do livro no Brasil. Os efeitos da Semana de 22 para a literatura infantil desenvolvida em nosso país são notados por Lajolo e Zilberman ao afirmarem que a produção para crianças imediatamente posterior à consolidação do Modernismo no Brasil adota “um estilo coloquial, de que estão ausentes a erudição e a preocupação com a norma gramatical” (2009: 70).

Por outro lado, os neologismos de Emília podem muito bem caracterizar a fortuna crítica de um e de outro autor aqui estudado, pelo menos no que diz respeito às suas obras

para crianças. Enquanto Lobato continua a ser o paradigma da Literatura Infantil desenvolvida no Brasil e *A chave do tamanho*, em função de suas qualidades e características complexas, é um dos seus textos que mais recebe análises, os livros de Menotti Del Picchia merecem pouca atenção por parte da crítica especializada. A bem da verdade, eles costumam ser citados em obras de referência, caso dos estudos de Lajolo e Zilberman (2009) e Coelho (2006). Entretanto, são raros os textos que se debruçam especificamente sobre *Viagens de João Peralta e Pé-de-Moleque* e *No país das formigas*. Só mais recentemente, o interesse pela análise de personagens negras em nossa literatura para crianças tem chamado um pouco mais a atenção de estudiosos pelas obras de Del Picchia, em função da personagem Pé-de-Moleque.

O “tamanhudo” Lobato: em uma rápida pesquisa pela rede de computadores, podemos observar que *A chave do tamanho* mantém sua popularidade intacta. A obra empresta seu nome, por exemplo, a diversas escolas e creches espalhadas pelo país e, recentemente, foi alvo de uma reedição cujo cuidadoso projeto gráfico empreendido pela Editora Globo é notório. Lobato e suas reflexões sobre o tamanho não só atingiram o estado de cânone: ultrapassaram-no; tornaram-se clássicos.

O “destamanhudo” Del Picchia: não bastasse a escassez de menção e a quase nulidade de trabalhos acadêmicos sobre suas obras para crianças, os livros protagonizados por João Peralta e Pé-de-Moleque, mesmo que disponíveis no mercado editorial, já não encontram a mesma receptividade que outrora tinham entre as crianças – talvez em função de não mais serem constantemente adotados no universo escolar, como era fato recorrente há algumas décadas. Definitivamente, a posteridade não foi generosa com a obra para crianças de Menotti Del Picchia.

“Tamanhudo” e “destamanhudo” os livros de Lobato e Del Picchia constituem textos que representam momentos singulares das narrativas de “destamanhos” desenvolvidas no

Brasil e que, analisados em conjunto, permitem-nos observar diferenças e aproximações no que tange a soluções ficcionais, estruturas narrativas, construção de personagens, além de ideários políticos subliminares: aventuras no mundo minúsculo que congregam maiúsculos objetos de pesquisa.

ABSTRACT: Two narratives for children produced in Brazil during the first half of the twentieth century can be read in conjunction with a bias that focuses on historical analysis. Produced at times of troubled history, they are indicative of a moment of Children Literature in which political engagement has just been revealed through texts that, so subliminal, reveal ideological positions of opposing camps.

Keywords: Children's Literature, fascism, Second World War.